



NÚCLEO  
FÊ E  
CULTURA

Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo

## A identidade da Universidade Católica e sua contribuição à vida acadêmica e social (\*)

Giancarlo Petrini(\*\*)

Encontramos-nos, no início do século XXI, diante de possibilidades jamais vistas de desenvolvimento, quer pelos avanços da ciência e da tecnologia, quer pelo aprimoramento dos recursos humanos, graças ao crescimento do ensino e da pesquisa no Brasil, especialmente em nível de pós-graduação, quer pela possibilidade de uso de recursos naturais antes desconhecidos ou considerados fora do alcance das nossas possibilidades.

Estas oportunidades acendem a esperança de superar a pobreza, reduzir as desigualdades e de colocar o Brasil no contexto das grandes potências. Elas nos atribuem novas e maiores responsabilidades para podermos orientar o processo de desenvolvimento para a justiça e a paz, quer no Brasil, quer no contexto da convivência entre diferentes povos.

Ao mesmo tempo, não podemos ignorar graves problemas, alguns de âmbito global e outros próprios da nossa realidade brasileira, que lançam desafios inéditos à inteligência humana.

A racionalidade moderna, desde a construção da máquina a vapor até o mapeamento do genoma humano, de um lado realiza conquistas deslumbrantes, que parecem concretizar nova etapa da história, vitoriosa sobre limites da natureza e sobre deficiências humanas. De outro lado, especialmente ao longo do século XX, emergem guerras de alcance mundial, experiências totalitárias e regimes ditatoriais, violação dos direitos humanos, desastre ecológico de dimensões planetárias, produção de armas de grande poder destrutivo, extensão do comércio de armas e de drogas, além de outros problemas que são compreendidos como sintomas da crise da razão de matriz iluminista e positivista.<sup>1</sup>

O desenvolvimento da ciência moderna e a organização social que dele resulta caracterizam-se por um mal-estar bastante difuso.<sup>2</sup> Com efeito, realizou-se um grande desenvolvimento nos

---

(\*) Palestra apresentada na PUC-SP, no dia 30 de março, durante o Colóquio “O lugar da Universidade Católica no contexto atual”.

(\*\*) Giancarlo Petrini é Doutor em Ciências Sociais, Coordenador do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, Bahia. É Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Salvador.

<sup>1</sup> PETRINI, Giancarlo. Mudanças sociais e mudanças familiares. In: PETRINI, G., CAVALCANTI, V. *Família sociedade e subjetividade*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 33-34.

<sup>2</sup> Alguns autores consideram ainda válidos os ideais da primeira modernidade, outros entendem que se trata de uma etapa histórica já concluída. Para ter uma primeira aproximação do tema ver: TOURAINE, Alain. *Crítica da Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994. HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1992. SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice*. O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez Ed., 1999. ROUANET, Sergio Paulo. *Mal-Estar na Modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. IANNI, Octávio. *A Sociedade Global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992. CONNOR, Steven. *Cultura Pós-Moderna*. Introdução às teorias do contemporâneo. São Paulo: Loyola, 1993. ZYGMUNT, Bauman. *Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. KAPLAN, E. Ann. *O Mal-Estar no Pós-Modernismo*. Teorias, práticas. Rio de

domínios das ciências e da técnica, mas o esforço para dominar a natureza e a história acabou conduzindo a razão a servir o poder. Tendo abandonado as exigências elementares como ponto de referência para a sua atividade, restou à razão colocar-se a serviço do poder e do mercado.<sup>3</sup>

Alguns pensam que a sociedade moderna entra em crise por um excesso de racionalidade, que tornaria árida a convivência social, devendo-se dar mais espaço ao sentimento para equilibrar a situação. Pelo contrário, a sociedade moderna entra em crise por uma carência da razão, usada segundo o paradigma iluminista/positivista, que não é mais capaz de dar conta de todos os fatores da realidade, de orientar suas conquistas para responder às exigências humanas.

O objetivo do nosso encontro é compreender, diante dessa realidade, que será aprofundada em seguida, que contribuição a Universidade Católica pode dar à sociedade e à cultura, contribuição própria, específica e original que a universidade pode oferecer, tendo em vista sua história e suas peculiaridades que já a colocaram em lugar de destaque em momentos decisivos de nossa história.

Lembro neste momento a importância que a PUC-SP teve nos anos do regime militar, não somente como espaço de agregação e debate político, mas também como organização do ensino e da pesquisa, de modo a apresentar no contexto do autoritarismo vigente, proposta de evidente significado democrático. Não é por acaso que os órgãos de repressão dedicaram suas atenções à PUC-SP e a seus professores e alunos. Recuando um pouco no tempo, lembro o momento do grande crescimento urbano de São Paulo e a contribuição de algumas escolas, especialmente a de Serviço Social, para amenizar o caos urbano e o sofrimento dos setores mais pobres da sociedade.

Permitam-me recuar ainda mais no tempo a fim de lembrar a origem das universidades, no seio da Igreja Católica, para compreender por quais caminhos as Católicas dos nossos dias poderão contribuir de maneira significativa e original aos desafios que o momento histórico nos apresenta, procurando inspiração nas raízes que deram origem a esta instituição.

No coração da Idade Média foram fundadas as primeiras universidades (Bolonha, Oxford, Paris) que ganharam forma institucional no século XII, mas cuja origem é bem anterior. Nos tempos da Reforma já existiam 81 universidades. O historiador da ciência Eduard Grant em seu livro *God and reason in the middle ages* afirma:

O que foi que tornou possível à civilização ocidental desenvolver a ciência e as ciências sociais de um modo que nenhuma outra civilização havia conseguido até então? Estou convencido de que a resposta está no penetrante e profundamente arraigado espírito de pesquisa que teve início na Idade Média como consequência natural da ênfase posta na razão. Com exceção das verdades reveladas, a razão era entronizada nas universidades medievais como árbitro decisivo para a maior parte dos debates e controvérsias intelectuais. Os estudantes, imersos em um ambiente universitário, consideravam muito natural empregar a razão para pesquisar as áreas do conhecimento que não haviam sido exploradas anteriormente, assim como discutir possibilidades que antes não haviam sido consideradas seriamente.<sup>4</sup>

Na mesma linha argumenta o historiador americano Thomas Woods ao afirmar que a criação da Universidade, comprometida com a razão e com a argumentação racional e o abrangente espírito

---

Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. TAYLOR, Charles. *Il disagio della modernità*. Roma-Bari: Laterza, 2ª Ed. 2002. PETRINI, João Carlos. *Pós-Modernidade e Família*. Um itinerário de compreensão. Bauru: EDUSC, 2003.

<sup>3</sup> PETRINI, João Carlos. *Pós-modernidade e família*. BAURU: EDUSC, 2003, p. 25-56.

<sup>4</sup> GRANT, Edward. *God and reason in the middle ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, citado em: WOODS Jr. Thomas E. *Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental*. São Paulo: Quadrante, 2008.

de pesquisa característico da vida intelectual medieval representaram um grande dom da Idade Média latina ao mundo moderno<sup>5</sup>. Foi um dom da civilização cujo centro era a Igreja Católica.

Essas contribuições das universidades foram possíveis graças a um método de usar a razão que não se impunha limites, com efeito, ela podia pensar, para além dos seus limites naturais, o fundamento e o significado de toda a realidade, a origem e a meta última da aventura humana. A razão podia avançar segundo o rigor do método que lhe é próprio, até o limiar do mistério, estabelecendo uma ponte entre a realidade observada e a profundidade de seus significados, acolhendo a revelação como modo de potencializar a razão, dando prosseguimento à sua busca da verdade em direção àquelas realidades que ela não poderia desvendar.

Referindo-se a esse método da razão o venerável papa João Paulo II começa a *Fides et Ratio* dizendo que “a fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade”<sup>6</sup>.

Cabe agora explicitar a redução da razão, para em seguida considerar as possibilidades de superação deste reducionismo, nisso podendo consistir a maior contribuição da Universidade Católica à vida acadêmica e à sociedade.

Os grandes desafios que devemos enfrentar no início do terceiro milênio são frutos da razão de matriz iluminista e positivista criticada, num primeiro momento e de maneira decisiva pela Escola de Frankfurt. Como afirma Horkheimer: “na era industrial a razão tornou-se um instrumento, algo inteiramente aproveitado no processo social. Seu valor operacional, seu papel no domínio dos homens e da natureza tornou-se o único critério para avaliá-la”.<sup>7</sup>

## Razão e poder

Autores da Escola de Frankfurt elucidaram os limites da ciência, ao criticar a razão instrumental.<sup>8</sup> O próprio Habermas, considerado como o último herdeiro dessa tradição crítica, entende que todo conhecimento é posto em movimento por interesses que o orientam, o dirigem, o comandam.<sup>9</sup>

---

<sup>5</sup> WOODS Jr. Thomas E. *Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental*. São Paulo: Quadrante, 2008.

<sup>6</sup> JOAO PAULO II. *Carta encíclica Fides et Ratio*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 5

<sup>7</sup> HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. Rio de Janeiro: Labor, 1976. p. 27-32

<sup>8</sup> Cf. HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodore. *Dialettica dell'Illuminismo*. Torino: Einaudi, 1976 (2ª Ed.). Ver também HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. Rio de Janeiro: Labor, 1976. “Na era industrial a razão tornou-se um instrumento, algo inteiramente aproveitado no processo social. Seu valor operacional, seu papel no domínio dos homens e da natureza tornou-se o único critério para avaliá-la. [...] É como se o próprio pensamento se tivesse reduzido ao nível do processo industrial, submetido a um programa estrito, em suma se tivesse tornado uma parte e uma parcela da produção. [...] O significado é suplantado pela função ou efeito no mundo das coisas e eventos. [...] A verdade e as idéias foram radicalmente funcionalizadas. A afirmação de que a justiça e a liberdade são em si mesmas melhores que a injustiça e a opressão é, cientificamente inverificável e inútil. Começa a soar como se fosse sem sentido, do mesmo modo que o seria a afirmação de que o vermelho é mais belo que o azul, ou de que o ovo é melhor do que o leite. Quanto mais emasculado se torna o conceito de razão, mais facilmente se presta à manipulação ideológica e à propagação das mais clamorosas mentiras”. (HORKHEIMER, op. cit. p. 27-32 passim).

<sup>9</sup> HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1982.

A aliança entre conhecimento técnico-científico e poder (militar, político, econômico, midiático, intelectual e ideológico) vem desenvolvendo um processo, pelo qual, não somente são produzidos artefatos da mais alta tecnologia, mas se avança na tentativa de realizar uma visão global e alternativa de homem e de sociedade, mudando radicalmente valores e critérios do comportamento humano. A atividade científica, nesse horizonte, não mais está orientada a investigar detalhes da realidade, mas a redirecionar a experiência humana e social global. Não é por acaso que alguns autores falam de “mutação antropológica”.<sup>10</sup>

Além disso, o mercado, aqui entendido como o conjunto articulado das diversas componentes do poder real, coloniza o mundo da vida.<sup>11</sup> O poder do mercado manifesta-se também na capacidade de introduzir nas relações humanas, isto é, no tecido fino das relações quotidianas, os critérios, os valores, os métodos que lhe são próprios, sinteticamente indicados como intercâmbio de equivalentes. O mercado coloniza o mundo da vida, reduzindo não somente os espaços da gratuidade, tudo calculando em função da conveniência e da utilidade, mas restringindo a própria abertura da razão, que passou a ignorar a busca da felicidade e dos significados, aplicando-se à produção do lucro e do poder.<sup>12</sup>

Essa mentalidade do mercado também distorce ou encampa o próprio conhecimento científico, colocando-o a serviço de interesses econômicos e/ou ideológicos, a serviço do poder, retirando dele a essencial dimensão crítica e humana. O horizonte do conhecimento identifica-se, em boa medida, com o horizonte do mercado: o que vale a pena conhecer é o que está ao alcance da razão calculante, é o que pode ser analisado e avaliado em sua utilidade. Cria-se uma situação pela qual “nada mais parece transcender uma lógica de mercado que tende a tornar os valores mais altos radicalmente imanentes a seu próprio funcionamento”.<sup>13</sup>

Dessa maneira, retira-se da história a esperança de um princípio superior à vontade do mais forte que seja capaz de ordenar a convivência social segundo critérios de justiça. Se essa é a realidade do atual progresso científico e técnico, pode-se prever razoavelmente o aumento da violência nos grandes centros urbanos e de atos de terrorismo, como consequência da impossibilidade de esperar alcançar uma convivência social justa e digna através dos caminhos da racionalidade que busca a verdade.

---

<sup>10</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: ed. Relógio d'Água, 1989, p. 48. PETRINI, Giancarlo. *Pós-modernidade e família*. Bauru: EDUSC, 2003, p. 174-180; PETRINI, João Carlos. Mudanças sociais e mudanças familiares. In: PETRINI J. C. e CAVALCANTI (orgs.). *Família, sociedade e subjetividade*. Petrópolis: 2005, p. 41-42.

<sup>11</sup> PETRINI, João Carlos. Mudanças sociais e mudanças familiares. Op. cit., p. 39.

<sup>12</sup> É interessante, a esse respeito, a observação da geneticista Eliane Azevedo (2000, p. 85-100), quando aponta as consequências não previstas e não desejadas do diagnóstico pre-natal na cultura atual. Imaginemos uma mulher que faz diagnóstico pré-natal com a intenção de abortar, caso o feto não seja saudável. Imaginemos que o feto esteja em ótimas condições de saúde e venha, portanto, a nascer. Provavelmente, aquele filho, chegando aos 15 anos, ficará sabendo que houve uma condição para ser acolhido: a condição de ser saudável. O cálculo da conveniência invadiu o espaço do acolhimento, até então, incondicional. Imaginemos, agora, aquela mãe idosa e doente. Poderá ela esperar que o filho a acolha e cuide dela, agora sem saúde, já que ela não teria essa disponibilidade para com o filho, quando ele era bebê? Pouco a pouco, cria-se uma mentalidade dominada pelo cálculo das conveniências, que se move no horizonte do mercado, reduzindo-se o espaço da gratuidade.

<sup>13</sup> FERRY, Luc. *Famílias, amo vocês*. Política e vida privada na era da globalização. Rio de Janeiro: Editoras Objetiva, 2008, p. 27.

Emergem problemas quando se pretende identificar a razão com a atividade científica. A ciência, com efeito, pode renunciar a enfrentar certas questões, por carência de métodos adequados, ou pode decidir servir alguma forma de poder, mas a razão humana é mais ampla do que a ciência. Ela é mais flexível, móvel, podendo utilizar métodos diferentes a depender do objeto que espera elucidar, sendo capaz de iluminar todos os aspectos da realidade e da existência, mesmo quando seus juízos não apresentam características próprias dos construtos acadêmicos.

### **Racionalidade moderna e processo de banalização**

Outro aspecto a ser considerado é o fato da ciência moderna não ter competência ou interesse em responder a perguntas relevantes para a concreta existência das pessoas. Max Weber no escrito “A ciência como vocação”, citando Tolstoi, afirma: “A ciência não tem sentido porque não responde à nossa pergunta, a única pergunta importante para nós: o que devemos fazer e como devemos viver?” E acrescenta: “É inegável que a ciência não dá tal resposta”.<sup>14</sup> O mesmo Weber afirmava que um médico pode prolongar até de maneira significativa a vida de um doente, mas não é capaz de dizer por que vale a pena viver.

Weber questiona: “se a ciência não dá, quem dará a resposta à pergunta: ‘Que faremos e como dispostemos nossas vidas?’ [...] ‘Podemos dizer que somente um profeta ou um salvador podem dar as respostas.’” E logo se apressa a dizer que o profeta esperado não existe.<sup>15</sup> Em seguida, ele afirma que quem quiser vencer o desconforto de viver sem respostas às perguntas do porquê e do significado de todas as coisas deve fazer o “sacrifício intelectual”, renunciando a usar a razão para poder ter acesso a um profeta ou a um salvador.<sup>16</sup>

No entanto, parece corresponder mais à realidade atual o contrário: quem quiser usar a racionalidade científica para orientar a própria conduta, este sim deve fazer o sacrifício intelectual, isto é, deve renunciar a usar a própria razão para orientar-se nas questões existenciais (sentido da vida, valores, meta a perseguir etc.). E deve aceitar as ordens do poder para encontrar soluções para aqueles problemas humanos para os quais a ciência teoricamente se declara incompetente. Na realidade, a ciência, movida às vezes por interesses que não a verdade, degrada-se em ideologia científicista e procura determinar os comportamentos que devem ser considerados certos e, portanto, seguidos.

Essa renúncia a buscar os significados da realidade foi expressa com clareza por Dewey,<sup>17</sup> quando afirma, numa obra dos anos trinta: “abandonar a busca da realidade, do valor absoluto e imutável pode parecer um sacrifício, mas esta renúncia é condição para empenhar-se em uma vocação mais vital”, a saber, empenhar-se na solução de problemas práticos e técnicos e na procura de valores compartilhados por todos.

---

<sup>14</sup> WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1974, p. 169-170. A esse respeito, é interessante a posição de Wittgenstein no *Tractatus*, quando afirma: “Sentimos que, mesmo que todas as questões científicas possíveis tenham obtido resposta, nossos problemas de vida não terão sido sequer tocados. É certo que não restará, nesse caso, mais nenhuma questão; e a resposta é precisamente essa.” WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. de Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2001, 6.52.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 180.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 183.

<sup>17</sup> DEWEY, John. *The quest for certainty*. London: George Allen & Unwin, 1930, p. 529.

A mistura de saber e poder provoca um desinteresse pela verdade e, conseqüentemente, um distanciamento cada vez maior entre conhecimento e mundo da vida. Este é freqüentemente atropelado pelas razões do poder, na sua pressa para definir o delineamento da realidade. Além disso, Rozemberg e Minayo observam que há um problema ainda maior que o olhar parcial do observador sobre o objeto. Elas entendem que correntes de pensamento tendem a advogar para si mesmas uma pretensão de totalidade e de controle e a instituir uma forma de ver o mundo sob um determinado ângulo, desconhecendo e desqualificando outros olhares.<sup>18</sup>

O abandono do interesse pelo significado da existência conduziu, inevitavelmente, a uma visão banal da realidade, a um processo de banalização que reduz o significado de todas as coisas: da vida e da morte, da paternidade e da maternidade, da amizade e do bem comum, da intimidade e do trabalho. A cultura de massa oferece quotidianamente produtos cuja marca é a superficialidade, juntamente com certa retórica da vulgaridade.

Inevitável reconhecer, na esteira de Hannah Arendt, uma conexão entre cultura da banalidade e o vertiginoso crescimento da violência urbana.<sup>19</sup> Abriram-se as portas para graus antes desconhecidos de violência. E Lipovetsky pode celebrar: “Todos os ‘cumes’ se abatem pouco a pouco, arrastados pela vasta operação de neutralização e banalização sociais. Só a esfera privada parece sair vitoriosa desta vaga de apatia: [...] viver sem ideal e sem fim transcendente tornou-se possível”.<sup>20</sup>

No contexto da cultura moderna, o passado foi cuidadosamente desconstruído, não podendo ser considerado como tempo da construção da civilização e habitado por heróis e santos, arquétipos significativos para o presente. E numa etapa sucessiva, as promessas de progresso que mobilizaram gerações para atitudes revolucionárias foram consideradas “meta-narrativas”, isto é, fabulações destituídas de fundamento.<sup>21</sup>

Inaugura-se um tempo separado de suas origens e de seu destino: homens e mulheres sem raízes e sem metas, a não ser a fruição dos bens que a modernidade oferece, numa nova edição do *carpe diem*. Com a desvalorização do passado, a derrocada das construções utópicas e voluntaristas e com a tendência a abandonar qualquer sistema de significado que exige disciplina, sacrifícios e fidelidade aos compromissos assumidos, o período pós-moderno reduz de forma inédita o arco do tempo ao momento presente. E quando as possibilidades de satisfação no presente são reduzidas, como acontece com os países pobres, ou quando as ofertas do mercado desencantam e desiludem, frustra-se a aspiração à realização, fica sem resposta o desejo de felicidade.

---

<sup>18</sup> ROZEMBERG, Brani e MINAYO, Maria Cecília de S. A experiência complexa e os olhares reducionistas. In: *Ciência e Saúde Coletiva*, 6(1): 115-123, 2001.

<sup>19</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1989; e da mesma Autora, *Heichmenn em Jerusalém*. Um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

<sup>20</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: ed. Relógio d’Agua, 1989, p. 48-49.

<sup>21</sup> LYOTARD, Jean François. *The post-modern condition: a report on Knowledge*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984, p. 99-100. Ver também o item “A implosão do tempo” em PETRINI, J. C. “Mudanças sociais e mudanças familiares” in: PETRINI, J. C. & CAVALCANTI, V. R. S. (orgs) *Família, sociedade e subjetividade*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 34-36.

Cabe recordar que a emancipação, isto é, a saída da minoridade do sujeito proclamada por Kant<sup>22</sup> acabou transmutando-se, na feliz expressão de Guy Debord, na sociedade do espetáculo<sup>23</sup>, onde os cidadãos são “atores” que desempenham papeis, isto é, uma parte na sociedade, seguindo roteiros determinados por outros. A afirmação de um estilo de vida independente, autônomo, caracterizado por escolhas livres, deu origem a um indivíduo instável, de convicções voláteis e compromissos fluidos.

### **Alargar o uso da Razão**

A cultura dominante acreditou que fosse possível construir a justiça e a paz ou, no horizonte da Revolução Francesa, a liberdade, a igualdade e a fraternidade, pondo de lado o problema dos significados e da verdade. Mas, abandonada a busca pelo significado, o poder e o interesse passaram a administrar um mundo feito de banalidades, no qual prosperou a violência, onde o ser humano parecia “supérfluo”, na linguagem de Hannah Arendt<sup>24</sup>. Esperava-se que a razão científica pudesse responder à necessidade de redenção e de salvação. Na realidade, o ser humano não tem somente necessidades que o mercado pode satisfazer. Seu coração busca irresistivelmente um bem infinito, para além dos bens que o poder e o mercado podem oferecer. Por isso, “se ao progresso técnico não corresponde um progresso na formação ética do homem, no crescimento do homem interior, então aquele não é um progresso, mas uma ameaça para o homem e para o mundo.”<sup>25</sup>

A esse respeito, é interessante a aula magistral que o Papa Bento deu em Regensburg. Indo para além da análise, ele indica um caminho de resposta à crise da razão e convida a dialogar sobre a possibilidade de ampliar seu uso para que a sociedade moderna volte a respirar e a ser promotora de paz e de encontro solidário entre os povos. Ao convidar os intelectuais a superar esses limites, o Papa quer provocar um movimento que possibilite à razão levar em conta todos os fatores da realidade, inclusive os que o positivismo sempre quis rejeitar. Nessa ocasião ele disse:

Esta tentativa de crítica da razão moderna a partir do seu interior, não inclui absolutamente a opinião de que agora se deva voltar atrás, à época anterior ao iluminismo, rejeitando as convicções da idade moderna. (...) Todos somos gratos pelas grandiosas possibilidades que ele abriu ao homem (...). Trata-se de um alargamento do nosso conceito de razão e do seu uso. Porque, com toda a alegria diante das possibilidades do homem, vemos também as ameaças que sobressaem destas possibilidades e devemos perguntar-nos como podemos dominá-las. Só o conseguiremos se (...) superarmos a limitação auto-decretada pela razão ao que é verificável na experiência e lhe abriremos de novo toda a sua vastidão.<sup>26</sup>

Com efeito, uma racionalidade que decretou a sua própria redução não é mais capaz de conhecer a realidade em seus fatores constitutivos, porque escolheu arbitrariamente quais fatores focalizar e quais abandonar ao limbo da insignificância, torna-se incapaz de orientar a conduta dos

---

<sup>22</sup> Kant, Immanuel. Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento?”. In: \_\_\_\_\_ *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 100-117.

<sup>23</sup> DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

<sup>24</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. e ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>25</sup> BENTO XVI. *Spe Salvi*. Città del Vaticano: Ed. Vaticana, 2007.

<sup>26</sup> BENTO XVI. *Discurso na Universidade de Regensburg*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2006/september/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060912\\_university-regensburg\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060912_university-regensburg_po.html)>

homens a fim de construir uma convivência social justa, digna e satisfatória. A redução da razão da qual estamos falando, não somente cria problemas ao conhecimento e à convivência social, mas o próprio ser humano é reduzido.

Se a ciência no seu conjunto é apenas isto, então é o próprio homem que com isto sofre uma redução. Mas as interrogações propriamente humanas, isto é, as ‘de onde’ e ‘para onde’, (...) não podem encontrar lugar no espaço da razão científica (...) e devem ser deslocados no âmbito do subjetivo (...).<sup>27</sup>

Dessa maneira, a razão se separa da existência real das pessoas, renunciando a dar critérios para julgar os problemas afetivos, as questões éticas, as propostas políticas e as religiosas, abandonando esses territórios a critérios subjetivos arbitrários.

À exaltação do racionalismo iluminista, (das “sortes magníficas e progressivas”) para o qual parecia iminente que o grande esclarecimento da racionalidade científica tivesse que substituir “as trevas” da cultura metafísica clássica e medieval, sucedeu em grande parte da cultura contemporânea uma profunda desconfiança na racionalidade da mesma construção científica. Esta desconfiança na razão deixa o homem moderno sem a possibilidade de afirmar qualquer “verdade”, nem científica e nem metafísica.<sup>28</sup>

E a este respeito vale lembrar o que afirmou o papa Bento na *Spe Salvi*: “A ciência pode contribuir muito para a humanização do mundo e dos povos. Mas, pode também destruir o homem e o mundo, se não for orientada por forças que se encontram fora dela”.<sup>29</sup>

Esta posição encontra-se amplamente descrita no assim chamado “pensiero debole” conceito introduzido por Gianni Vattimo e Pier Aldo Rovatti, considerados entre os maiores expoentes do pós-modernismo europeu. A razão débil apresenta-se como uma forma atualizada de niilismo que quer resolver os problemas suscitados pela razão iluminista e positivista reduzindo ainda mais, se bem que de maneira diferente, suas possibilidades.

A ausência de pontos de referência “últimos” de tipo racional, quer metafísicos, quer científicos, parece justificar a sentença de “destino niilista” do pensamento ocidental pronunciada por diversos autores, que torna a noção de verdade, qualquer que seja a forma dela ser entendida, uma espécie de ingênua ilusão.<sup>30</sup>

Autores como Luc Ferry trabalham para um novo humanismo<sup>31</sup>, outros advogam como tarefa a necessidade de construir um post-niilismo, entendendo que não é possível que as ciências em seu conjunto acabem por tornar impossível uma reflexão racional sobre os mais autênticos problemas humanos. O Cardeal Ratzinger já se perguntava “se o homem pode conhecer a verdade, as verdades fundamentais sobre si mesmo, a respeito de sua origem e do seu futuro, ou se vive num crepúsculo que é impossível iluminar e deva, por isso, necessariamente reduzir-se à questão do útil”.<sup>32</sup>

Um primeiro passo neste caminho é levar a sério a inquietação que cada homem e cada mulher experimentam e que alimenta a busca do significado de todas as coisas, não se conformando

<sup>27</sup> *Ibidem*.

<sup>28</sup> BASTI, Gianfranco & PERRONE, Antonio L. *Le radici forti del pensiero debole*. Dalla metafísica, alla matemática, al calcolo. Padova: Il polígrafo e PUL, 1996, p. 12.

<sup>29</sup> BENTO XVI. *Spe Salvi*. Città del Vaticano: Ed. Vaticana, 2007.

<sup>30</sup> BASTI, Gianfranco & PERRONR, Antonio. Op. cit., p. 13.

<sup>31</sup> FERRY, Luc. Op. cit.

<sup>32</sup> RATZINGER, Joseph. *Fede, Verità, Tolleranza*. Siena: Cantagalli, 2003, p. 193.

com as respostas pré-confeccionadas. Com efeito, todos nós, pelo simples e grandioso fato de sermos homens, temos em comum a inquietação, a busca, a exigência de usar a razão para compreender a realidade na totalidade de seus fatores. Compartilhamos a exigência de abraçar cada circunstância como fator essencial para o pleno desenvolvimento da própria humanidade, como parte da tarefa que nos cabe neste mundo. Neste ponto, pode-se compreender a identidade e a tarefa da Universidade Católica.

No discurso à Universidade “La Sapienza” de Roma (discurso que não pôde pronunciar por causa da hostilidade de um grupo de professores e alunos) o Papa Bento disse:

Devemos interrogar-nos: O que é a universidade? Qual é a sua missão? É uma questão colossal, (...) Penso que se possa afirmar que a verdadeira e íntima origem da universidade esteja na sede de conhecimento, que é própria do homem. Este quer saber o que é tudo aquilo que o circunda. Quer é a verdade.<sup>33</sup>

Bento XVI procura trazer à tona, despertar essa criatura que nasce com uma estrutura originária caracterizada por uma inesgotável abertura da razão diante do inexaurível chamado do real: a razão é exigência de totalidade. E somente uma razão que usa as suas capacidades sem restrições poderá vencer a era do vazio, como foi descrito por Lipovetsky.<sup>34</sup> Poderá reverter o processo de banalização da cultura, superar a onda do niilismo, restituindo a cada pessoa a possibilidade de responder mais plenamente às suas exigências originárias e oferecer à sociedade uma qualidade superior de convivência na paz e na solidariedade.

“Para esta vastidão da razão, afirma Bento XVI, convidamos os nossos interlocutores”<sup>35</sup>. Alargar o uso da razão significa, então, levar a sério toda a extensão da experiência humana, surpreender todos os aspectos da realidade, significa percorrer todo o itinerário que nos conduz da circunstância concreta ao reconhecimento do fundamento, do significado total, no fundo, do Mistério presente.

A Igreja está levantando questões muito sérias que tem a ver com a pessoa, para que encontre o significado e o gosto de viver; e com a sociedade, para que supere as gritantes desigualdades e os desafios da corrupção e da violência. Diante disso, o Papa pergunta acerca da nossa esperança:

Encontramo-nos assim novamente diante da questão: o que é que podemos esperar? É necessária uma autocrítica da idade moderna feita em diálogo com o cristianismo e com a sua concepção da esperança. Neste diálogo, também os cristãos devem aprender de novo, no contexto dos seus conhecimentos e experiências, em que consiste verdadeiramente a sua esperança.<sup>36</sup>

Afinal de contas, ele está convicto de que “não é a ciência que redime o homem, o homem é redimido pelo amor.”<sup>37</sup>

<sup>33</sup> BENTO XVI. *Discurso para o encontro na Universidade “La Sapienza”*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2008/january/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20080117\\_la-sapienza\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2008/january/documents/hf_ben-xvi_spe_20080117_la-sapienza_po.html)>

<sup>34</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Ed. Relógio D’Água, 1989.

<sup>35</sup> BENTO XVI. *Discurso na Universidade de Regensburg*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2006/september/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060912\\_university-regensburg\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060912_university-regensburg_po.html)>

<sup>36</sup> BENTO XVI. *Spe Salvi*. Città del Vaticano: Ed. Vaticana, 2007. p. 35.

<sup>37</sup> *Ibidem*. p. 41

Já com relação à questão do desenvolvimento, Bento XVI na *Caritas in veritate* lembra que as causas do subdesenvolvimento não são principalmente de ordem material. Mais uma vez ele convida a lançar mão da razão dizendo que “são necessários pensadores capazes de reflexão profunda, em busca de um humanismo novo, que permita ao homem moderno o encontro de si mesmo”, pois “a sociedade globalizada torna-nos vizinhos mas não nos faz irmãos”.<sup>38</sup> E na encíclica *Deus Caritas Est*, o Papa critica a tendência da cultura moderna a rejeitar e menosprezar a caridade fraterna e a considerar que a justiça basta ao ser humano para viver com dignidade. O poeta Eliot expressou essa sensibilidade de maneira magistral nos “Coros de a Rocha”, quando diz: “*Tentam eles escapar à treva que no fundo os corrói e ao seu redor se alastra, sonhando sistemas tão perfeitos em que o bem seja de todo dispensável*”.<sup>39</sup>

A Universidade Católica, seus professores e estudantes podem recolher o convite e entrar neste diálogo e contribuir para a construção de um novo humanismo, que possa enfrentar de maneira mais positiva os desafios de nosso tempo. Não somos os pioneiros. Muitas pessoas, mesmo sem religião, estão abertas para essa tarefa.

Todos conhecem o debate entre Ratzinger e Habermas, realizado em Munique em maio de 2004, publicado no Brasil no livro *Dialética da Secularização: sobre razão e religião*. O próprio Habermas publicou *Tra scienza e fede* pelos editores Laterza, em 2008. Habermas publicou também “Contro il disfattismo della ragione moderna. Per un nuovo patto tra fede e ragione”, na revista *Teoria Política*, 23 (2007) e ainda o capítulo “*Fede e Sapere*”, do seu livro intitulado: *Il futuro della natura umana* (Torino: Einaudi, 2002); e ainda “Dialogo su Dio e Il mondo” como capítulo do seu livro “*Tempi di passaggi*”, Milano: Feltrinelli, 2004. Lembro ainda: Dario Antiseri e Gianni Vattimo, com. *Ragione filosofica e fede religiosa*.

Contribuições significativas para uma nova ciência e uma nova cultura só podem florescer como fruto de uma reflexão crítica e sistemática sobre uma nova maneira de viver os diversos aspectos da existência quotidiana e de conviver com os outros. A Universidade pode ser o lugar onde o desafio de despertar a própria humanidade pode ser aceito, para levar a sério as exigências mais profundas do coração que percebemos como desejos (de verdade, liberdade, justiça, realização humana, amar e ser amado). É o lugar onde também se pode começar a usar a razão com audácia, tudo comparando com essas exigências, em busca daquilo que mais corresponde ao nosso coração. É o lugar onde é possível construir com liberdade cada dia e cada hora segundo o ideal de paz e de bem comum que podemos compartilhar.

---

<sup>38</sup> BENTO XVI. *Caritas in veritate*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 29.

<sup>39</sup> ELIOT, Thomas. *Poesia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.